

JOSE ADEMIR GOMES RAMOS

| |
|--------------------------|
| INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL |
| data 04, 12, 95 |
| cod. 04000250 |

ESCOLARIZAÇÃO E POLITICA DAS ORGANIZAÇÕES
INDIGENAS DO ALTO RIO NEGRO, NO AMAZONAS

Projeto de pesquisa para o Mestrado
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social do
Departamento de Antropologia da FFLCH
da Universidade de São Paulo, para
avaliação.

São Paulo
1994

INTRODUÇÃO

A pesquisa que pretendo fazer, situa-se no conjunto dos eventos criados pela Universidade do Amazonas, nos últimos cinco anos, quando instituiu-se o Curso de Ciências Sociais e efetivou-se o Núcleo de Estudos de Etnolingüística, vinculando-o ao Centro de Ciências do Ambiente, órgão de caráter suplementar desta Instituição de Ensino.

As iniciativas destinavam-se a formar especialistas, que compreendessem e explicassem as múltiplas determinações da realidade amazônica, respondendo às reivindicações formuladas pelas lideranças indígenas, particularmente no que diz respeito à educação e ao fortalecimento da autonomia de suas organizações.

O projeto de trabalho a ser desenvolvido na pós-graduação, consiste em analisar a apropriação dos conteúdos da Escolarização, na política das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro no Estado do Amazonas. O trabalho, por sua vez, resulta de uma programação de pesquisa do Núcleo de Etnolingüística sobre a temática da "Educação Indígena no Amazonas: processos próprios de aprendizagem dos falantes de Baniwa, Nhaeengatu e Sateré-Mauê".

As ações de pesquisa são desenvolvidas coletivamente por uma equipe interdisciplinar sob a minha coordenação. Nos três últimos anos o projeto contou com o apoio do CNPq, da Associação Comercial do Amazonas, do Instituto

Euvaldo Lodi, das Secretarias de Educação do Município de Maués, de São Gabriel da Cachoeira, das Organizações Indígenas, do Centro Nacional de Pesquisa da França (C.N.R.S.) e da UNICAMP/SP.

Neste período, foram organizadas duas viagens em cada área indígena circunscrita no projeto. Na oportunidade, a equipe reunia com a comunidade e, principalmente, com os professores indígenas, para colher o máximo de informações da cultura, da língua e do processo de ensino-aprendizagem implantado na região.

No município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, situado a noroeste do estado do Amazonas, fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, realizaram-se, da mesma maneira, os encontros específicos com os educadores Baniwa e Nheengatu (língua geral). Na oportunidade, coletei uma série de depoimentos gravados com ex-alunos dos Internatos e religiosos, sobre o processo de escolarização dos índios, implementado pelos Missionários Salesianos desde 1915, quando instituíram os "Núcleos de Civilização" (Bruzzi, 1979).

Estes Núcleos representavam a base de atuação dos Missionários na região. Neles funcionavam os internatos masculino e feminino, oficina, marcenaria, maternidade, ambulatório, armazém, alojamento e o prédio da Igreja.

O fato é que a estratégia da missão para ocupar o espaço e subordinar o trabalho indígena ao Projeto Missionário, acelerou a destribalização compulsória dos índios. Desta forma,

viabilizou-se, também, o recrutamento das crianças e dos jovens para os internatos.

Esta constatação é extraída da afirmativa de Galvão, a respeito da análise da mudança cultural na região do Rio Negro, quando considera que:

"A intensa atividade missioneira de padres salesianos, desvia boa parte dos indivíduos jovens das aldeias para as escolas nas missões, em que o processo de destribalização compulsória é acelerada pela disciplina e pela motivação religiosa" (Galvão, 1979: 121).

Ao deparar-se com esta realidade entre os Bororo, Caiuby Novaes analisa a prática missionária dos salesianos e identifica os interesses dos religiosos mediados por um conjunto de ações pedagógicas transplantadas da Europa para o Brasil indígena:

"Ao transpor seus objetivos e sua "missão" às sociedades indígenas situadas a grande distância da Europa, os salesianos tinham como objetivo utilizar a mesma estratégia elaborada para os meninos de rua" (Caiuby Novaes, 1993: 140).

Na verdade, o Projeto Missionário dos Religiosos Salesianos, iniciado tanto no estado do Mato Grosso, em 1894, quanto no Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, em 1915, respaldava-se na prática de seu fundador, Dom Bosco, que atuava na assistência dos meninos abandonados nas ruas de Turim na Itália.

Os Salesianos vieram para o Brasil a convite de Dom Pedro II, tendo suas despesas e os incentivos pagos pelo Governo Imperial. Entretanto, é na República que a Igreja adquire força e influência para a realização do seu projeto.

Este fenômeno de difícil compreensão é objeto de estudo de Basbaum, em sua obra "Historia Sincera da República". Nesta, o autor analisa a sustentação da aliança Igreja e Estado efetivada nas políticas públicas:

"Não é um fenômeno fácil de explicar. O fato é que a Igreja, com a República adquiriu novas forças e maior influência, em todas as camadas sociais, até mesmo entre os padres que abandonaram o concubinato" (Basbaum, 1981: 197).

Nesta conjuntura, o governo de Mato Grosso em 19 de abril de 1895 promulga um ato nomeando o Padre Giovanni Balzola, como diretor da Colônia Bororo "Teresa Cristina".

A estreita cooperação entre o Estado e a Igreja é explicitada por Caiuby Novaes em sua dissertação:

" A cooperação entre o Governo e Missionários se estabelece desde a chegada dos salesianos. Como diretor da Colônia Teresa Cristina, Padre Balzola conta com o auxílio do então Governador Manoel Murinho, que lhe permite a utilização de soldados na Colônia "
(Ibid., 144-45).

No Amazonas, vincula-se a presença dos Padres Salesianos ao convite do bispo da Diocese de Manaus, Dom Frederico Benício de Epiza Costa, ato referendado pela Sagrada

Congregação de Propaganda Fidei, em 18 de junho de 1914. Neste mesmo ano, a Congregação de Dom Bosco - os Salesianos - transferiu para o Alto Rio Negro, um experiente missionário com vasto conhecimento adquirido entre os Bororo, Padre Giovanni Balzola, com objetivo de organizar a ação missionária na região.

Destas ações resulta em 1915, o ato do Papa Pio X, delegando autoridade aos Padres Salesianos para governar a Prefeitura Apostólica do Rio Negro. Este ato, no entendimento de Dom Pedro Massa, tinha por objetivo:

"Iniciar uma Missão douradora que viesse implantar o reino de Jesus Cristo naquela vasta região, reedificando um novo e suntuoso monumento sobre as ruínas do passado". (Massa, 1965: 101).

Esta obra de reedificação anunciada pelo bispo Dom Pedro Massa é caracterizada pela intolerância missionária contra as culturas indígenas, reduzindo as malocas em verdadeiras ruínas e promovendo a desmoralização dos pajés. Estas atitudes foram documentadas e registradas por Curt Nimuendajú, em correspondência ao Dr. Carlos Estevão de Oliveira, nos seguintes termos:

" (...) Os Padres Salesianos que na sua intolerancia extirpam systematicamente tudo que differe da chamada "civilização christã," prohibindo a construção de malocas, o uso do cachiri, do trocano, dos enfeites de pennas e de pedra, danças e o culto do Yurupari" (Nimuendajú: 1927).

Da destruição das malocas, Berta Ribeiro comenta as alegações apresentadas pelos Missionários e o significado desta soberba moradia na organização do Povo:

" A maloca foi destruída pelos Missionários sob a alegação de ser um antro de promiscuidade, quando, efetivamente, nenhum homem podia ter relações sexuais com uma mulher que nela vivesse, a não ser a sua própria, pois todas as demais de sua geração e das gerações mais novas eram suas irmãs clônicas. A demolição da soberba maloca alto rio-negrina, que em regra media 20 metros de frente, 30 de fundos e 10 de altura, deu lugar a minúsculas casas de famílias nucleares, erradicando a estrutura sócio-cultural que a antiga maloca, por sua própria concepção arquitetônica, ensejava" (Ribeiro, 1980).

A partir de 1950, além dos Padres Salesianos registra-se também a instalação da Missão Novas Tribos e do Instituto Lingüístico de Verão entre os Baniwa (Wright, 1988: 360).

Os internatos religiosos, foram desativados concretamente em 1980 e convertidos em Escolas Públicas de Primeiro e Segundo Grau, conveniadas com a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. O ato dos religiosos, respaldou-se em alegações das mais diversas, as quais serão analisadas no curso deste trabalho.

A configuração indígena no município de São Gabriel da Cachoeira é visivelmente percebida por todos aqueles que navegam pelo Rio Negro e seus tributários. No Rio Uaupés vivem

os Tukano, Desâna, Pirá-tapuia, Wanâna, Arapasu, Kubéwa, entre outros. Os Tukano representam a grande família lingüística do Rio Negro (Renault-Lescure: 1991).

No Rio Içana prevalecem os Baniwa, da família lingüística Aruak, num conjunto de seis ou mais fratrias (Wright, 1989: 357). Os Warekêna, assim como os Baré, pertencentes a família lingüística Aruak, são identificados atualmente como falantes do Nheengatu (Ribeiro, 1980: 17).

Nas estatísticas do IBGE, São Gabriel da Cachoeira concentra aproximadamente 30 mil habitantes, estimando-se em mais de 20 mil pessoas na zona rural. Neste contexto, entenda-se por zona rural, terra indígena, porque a garantia deste território, na forma de uma reserva única, é tema recorrente nas reivindicações das Organizações Indígenas da Região (Buchillet: 1991).

A importância do estudo das sociedades indígenas, no Alto Rio Negro, é reconhecida na literatura antropológica, em sua formação histórica. Atualmente, esta Região além de abrigar uma significativa diversidade sócio-cultural dos grupos étnicos, caracteriza-se também, por concentrar um maior número de organizações indígenas não tradicionais do Brasil (CEDI, 1991).

Em relação à política das organizações não tradicionais, as lideranças indígenas do Alto Rio Negro contribuíram significativamente para sua viabilidade tanto no Brasil quanto no exterior. Os atores desta política indígena são

SA
SA

todos ex-alunos dos internatos religiosos dos Salesianos e dominam com competência, não só a língua nacional mas, sobretudo, conteúdos de um saber formal escolarizado. Atualmente, estes conteúdos da escolarização vêm sendo utilizados na política das organizações indígenas pela conquista de sua autonomia. Esta postura contraria o que era proposto pela Missão. No entanto, o fato é que:

" A influência da escolaridade promovida há décadas pela Missão Salesiana sobre a população indígena no Alto Rio Negro, de que resultou a alfabetização de quase todos os adultos homens de menos de 40 anos e dos jovens e crianças de ambos os sexos, é talvez um dos saldos mais positivos de sua ação catequística. A escolarização permite aos índios enfrentar com vantagem o membro comum da comunidade nacional com que entram em contato" (Ribeiro, 1980).

Deste modo, tenho por objetivo investigar o processo de escolarização dos índios que estudaram nos internatos, edificados no Alto Rio Negro pelos Padres Salesianos, bem como compreender a apropriação dos conteúdos curriculares e a aplicação destes, pelas lideranças indígenas, na política de suas organizações não tradicionais.

O projeto, assim delineado, privilegia a concepção antropológica, ampliando suas relações com a história, a lingüística, a pedagogia e com a análise do discurso. É, portanto, uma continuidade e uma complementação para o estudo já iniciado, concorrendo para a sua compreensão e a qualificação do pesquisador.

CONTRIBUIÇÃO ESPECIFICA

A originalidade deste trabalho está em compreender o processo de Escolarização dos índios, implantado pela Missão, na região do Alto Rio Negro, bem como analisar a aplicação deste conhecimento na dinâmica das Organizações Indígenas não tradicionais, perante as estruturas de poder. É o primeiro trabalho na Amazônia brasileira a investigar esta relação entre a apropriação do saber formal, suas circunstâncias e utilização no campo da política Indígena.

A Missão Salesiana, articulada com as forças políticas e econômicas do Estado, era capaz de sustentar a construção de uma obra civilizatória, caracterizada pelo eurocentrismo do Projeto Missionário. Esta constatação encontra-se no texto de Caiuby Novaes:

" Ao chegarem ao Brasil o que os salesianos se propõem é uma obra civilizatória com toda a modernidade que o final do século XIX descortinava na Europa, mas revestida dos valores cristãos que caberia aos sacerdotes divulgar" (Ibid., 142).

A modernidade do projeto missionário é reduzida a um sistema interpretativo, tendo por natureza impor uma ordem significativa à realidade sócio-cultural diversa, representada pelos índios do Alto Rio Negro.

E nesta perspectiva que se compreende a destruição das malocas e perseguição aos pajés, a proibição às cerimônias e a subordinação ao trabalho controlado pela missão. Sobre a destruição das malocas e a reedificação do espaço, o Padre Alcionílio Brüzzi descreve com fidedignidade a estratégia missionária:

"Até 1924, da Cachoeira de Ipanoré para cima só existiam malocas, a grande habitação coletiva, informa o Bispo Dom João Marchesi, o veterano missionário Salesiano de Uaupés. Data desse ano a substituição das malocas pelas casas familiares, e o aparecimento dos pequenos povoados, por influência das Missões Salesianas" (Brüzzi, 1977: 48).

Neste momento, em cooperação com as Forças Armadas, a atuação dos Missionários Salesianos, nesta área de fronteira do Estado Nacional, serviu aos interesses militares para garantir a política de integração definida categoricamente pelo Major-Brigadeiro do Ar, Protásio Lopes de Oliveira, como guerra de conquista:

"Abrasileiramento, (...) expressão do idioma pátrio, (...) tudo isto representa uma verdadeira guerra de conquista que o Brasil está fazendo em seu próprio território" (Oliveira Apud., Brüzzi: 1979).

As táticas desta guerra são abstraídas da conquista colonial, quando os missionários tornaram-se aliados imprescindíveis, no processo de descimento, no aprisionamento

controle da força de trabalho indígena. Dessas ações, resultaram os aldeamentos, assim definidos:

"O Aldeamento origina-se de um descimento ou redução de indígenas do interior para a zona litorânea, ou para a confluência de rios, na região Amazônica" (Hoornaert, 1983: 126).

As obrigações das Ordens Religiosas no período colonial tinham também por meta a conversão do gentio, ao grêmio da catolicidade. Para tanto, elaborou-se um programa de atuação, determinando às ordens, os procedimentos a cumprir na realização de seu objetivo:

" Da modificação de seus hábitos de nomadismo. Do ensino da língua portuguesa. Do seu preparo técnico, nos ofícios mecânicos. Do agrupamento das tribus em núcleos de sentido urbano. Da modificação do regime de trabalho dispersivo num trabalho disciplinado, de fundo agrícola. Da reforma dos modos de vida social, através dos vínculos de família e de maior exaltação às formulas de dignidade individual e doméstica" (Ferreira Reis, 1942: 8).

Nesta situação, a modernidade da Missão Salesiana no Amazonas compreende, historicamente, a construção de um projeto hegemônico, caracterizado pelas ações políticas capazes de assegurar o domínio da Região em favor de determinados interesses de uma classe dirigente.

O trabalho a ser desenvolvido sobre a Escolarização dos Índios no Alto Rio Negro, contempla a análise das políticas

públicas inseridas num projeto hegemônico, influenciando o processo de ensino-aprendizagem coordenado pelos religiosos nos Internatos. Estas ações serão estudadas a partir dos "Núcleos de Civilização" implantados em São Gabriel da Cachoeira (1915), no distrito de Iauarete (1928) e em 1954 no Rio Içana. (Cf. mapa). O período histórico a ser pesquisado é a década de sessenta.

Ademais, farei um levantamento necessário para compreender a formação das Organizações não-tradicionais dos índios desta Região. Desta maneira, conhecerei suas lideranças, a dinâmica de suas organizações e suas estratégias de luta pela conquista da autonomia nas três últimas décadas.

Na verdade, a literatura antropológica sobre a área do Alto Rio Negro pouco se deteve sobre o problema que pretendo investigar neste projeto. Portanto, o trabalho a ser aqui enfocado trará, certamente, subsídios tanto para a educação, quanto à compreensão da política das organizações indígenas.

RELAÇÃO COM A LITERATURA ANTROPOLOGICA

No Amazonas, a área cultural do Alto Rio Negro tem uma ampla literatura antropológica. No entanto, em relação ao problema que pretendo investigar, pode ser classificado da seguinte forma. No primeiro momento, esta relação é compreendida a partir da análise histórica sobre as formas de contato decorrente das estruturas de poder.

Neste campo, recorri à obra de Robin M. Wright, que faz uma análise histórica do contato, a partir das principais atividades colonizadoras empreendidas na área:

" O tempo de Escravidão entre aproximadamente 1737 e 1755 (...). O Tempo dos Descimentos, entre aproximadamente 1761 e 1790 (...). O Tempo da Nova Colônia, entre aproximadamente 1800 e 1850 (...). O Tempo do Novo Estado, entre 1851 e 1860 (...). O Tempo da barracha, entre 1870 e as primeira décadas do século (...). O Tempo das Missões entre 1914 e o Presente (...)" (Ibid., 359-60).

Com o mesmo propósito consultei a obra de Arthur Cezar Ferreira Reis, buscando subsídios históricos sobre a presença missionária na Região. Na apresentação de sua obra, o historiador do Amazonas, presta a seguinte declaração:

"Procuramos fixar, embora sem as grandes minúcias que o tema exige, os esforços dos Religiosos que, desde os Franciscanos da Provincia de Santo Antonio e da Companhia de Jesus, até os Salesianos,

vêm tomando contacto com a Amazônia (...). Não traçamos, é certo, uma história da Igreja Católica no seu capítulo Magnífico de civilização da Amazônia. Apenas riscamos um bosquejo desse epopeia, contribuição sincera para conhecimento do que ela foi e está sendo em nossos dias" (Ibid., 2).

O exame da obra de Arthur Reis exige uma releitura, tendo por parâmetro uma outra matriz interpretativa, que permita problematizar a concepção linear civilizatória mediada pela ação missionária. Entretanto, reputo de grande valor histórico.

Ainda, sobre as formas de contato desencadeado pelas estruturas de poder em relação aos índios do Alto Rio Negro, apreciei o testemunho de Curt Nimuendajú, quando descreve a trágica história desta situação da seguinte maneira:

"O capítulo trágico da história de toda América do Norte a do Sul - tenebroso e triste também na história do Alto Rio Negro, mais do que em qualquer outra parte do Brasil por mim conhecida no Içana e Uaupés as relações entre os índios e os civilizados, os "brancos", como ali se diz, irremediavelmente estragadas" (Nimuendajú, 1982: 180).

Esta situação irremediavelmente estragada identificada por Nimuendajú na área do Alto Rio Negro é resultante, principalmente, da ação corruptiva dos missionários. Isto porque, esclarece o etnógrafo: "A ignorância e o desprezo do missionário pela cultura intelectual do índio é uma das causas do fracasso na conversão deste" (Ibid., 189).

No segundo momento, o projeto se relaciona com a literatura antropológica no campo das representações culturais. Neste contexto destaca-se a narrativa dos índios Desâna escrita por Umúsin & Kenhiri sobre o Mito fundador do seu povo, bem como a origem do mundo Desâna. A introdução da obra é de Berta Ribeiro, apresentando riquíssimas informações sobre a área em estudo e comentando a literatura produzida sobre a temática.

Entretanto, Ribeiro ao salientar a originalidade incontestada da narrativa Desâna, ampara-se nas condições dos autores em serem índios, como se toda representação da cultura não fosse social, mas sim expressão da natureza:

"O maior valor do livro que tenho o privilégio de prefaciar é seguramente o de ter sido escrito por dois índios. Em primeiro lugar, isto confere autenticidade incontestável ao conteúdo e forma da narrativa, como expressão de fé e construção literária" (Ibid., 9).

Na verdade Tolamã Kenhiri, um dos autores do livro, recebeu o nome cristão de Luis Gomes Lana e foi escolarizado na Missão Salesiana de Pari-Cachoeira. Atualmente, é um dos líderes indígenas mais atuantes na luta pelo reconhecimento dos valores de seu povo.

Nesta mesma perspectiva, retomei a leitura da obra de Eduardo Galvão, para compreender a configuração indígena da Região e os fatores de mudança, não só na cultura material, mas

em nível das representações. Este fato pode ser analisado na mitologia Baniwa, na qual encontram-se evidências da religião cristã nas representações religiosas deste povo.

Esta situação foi sintetizada por Adélia Engrácia de Oliveira, quando esclarece os tipos de frentes de expansão que avançam sobre os territórios indígenas movidas por interesses dos mais diversos:

"Dessa forma, na atualidade os índios defrontam-se com dois tipos de frentes de expansão: uma econômica, que é a extrativista e a outra ideológica que é a religiosa. Ambas, porém, continuam a exercer o processo de destribalização e desculturação dos indígenas, fazendo com que eles percam cada vez mais a sua auto-suficiência e se assemelhem aos caboclos da região, tendo suas aldeias o aspecto de uma comunidade rural da circunvizinhança" (Engrácia de Oliveira, 1979: 4).

Na realidade foi nas estruturas das representações religiosas que identifiquei o rico simbolismo do sistema cognitivo. A força desta linguagem codificada é capaz de orientar e programar a conduta dos indivíduos na cultura. A primeira obra a favorecer esta análise, particularmente, sobre os Desana, da família lingüística Tukâno, é de autoria de Reichel-Dalmatoff. O autor, em suas conclusões afirma que:

"The religious symbolism of the Desana expresses, in a synthesized form, the ethos of the culture. The structure of the Universe and the personality of its

Creator is represented in it, as are reflected the characteristics of the intermediaries, and it is emphasized that all Creation is interdependent. The symbolism is therefore language that codifies and promulgates and continually manifests itself to the individual and society, using a multitude of vehicles of expression and transmission of ideas. It is a great code of signals and signs that determines and guides the programming of cultural conduct within the representative institutions of each principal model" (Reichel-Dolmatoff, 1968: 246).

Contra estas estruturas simbólicas da cultura, a Escolarização, dirigida pelos missionários salesianos, exercia a sua maior intervenção. Na verdade, os religiosos pretendiam inculcar nos índios internos da missão, uma outra maneira de pensar, que fosse reconhecida como Ethos da cultura. Isto de fato ocorreu no processo de Escolarização dos índios. Entretanto, é necessário investigar suas formas de apropriação e como é aplicada no cotidiano de suas vidas.

Deste modo, o projeto relaciona-se com a obra do padre Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, com o propósito de conhecer o funcionamento da estrutura missionária, suas práticas pedagógicas e sua vinculação com as políticas públicas.

A obra deste dedicado missionário tem o referendo da Congregação Salesiana, sendo promovida à qualidade de uma suma etnográfica missionária do Alto Rio Negro. Neste texto, o autor vale-se de uma rica bibliografia para sustentar o olhar da

instituição, eivado de preconceito e etnocentrismo. A título de demonstração, refiro-me a uma de suas observações etnográficas, a saber:

" Quando se trata de filhos já crescidos, a estima se contamina de interesse pelos serviços que dos filhos recebam. E o pesar que exprimem, quando os filhos se ausentam ou morrem, é porque não têm mais quem lhes traga o peixe ou cultive a roça. Não apenas a atitude, mas as próprias palavras revelam a ausência de afeto dos pais para com os filhos, mesmo pequenos" (Ibid., 141).

Em ângulo diferente o projeto se relaciona com a obra de Christine Hugh-Jones, quando analisa o ciclo comunitário da Cultura Barasana, família lingüística Tukâno do Uaupés. A obra é de um grande valor etnológico no entendimento da construção do espaço e tempo, no universo de suas representações. A autora afirma que:

" A set of analogous space - time systems is recognised in Indian ideology and, in order to contact the ancestral past described in myth, people must transpose the system of the universe onto the systems which they are able to change through concrete action" (Hugh-Jones, 1979: 280).

Neste contexto, o tempo, espaço e representação constituem um sistema de classificação de uma cultura, possibilitando, desta forma, a construção do mundo no ordenamento de suas ações. Na efetivação do projeto, faz-se necessário um

levantamento exaustivo da literatura antropológica, que compreenda a análise dos grupos étnicos da Região do Alto Rio Negro. Esta é uma das etapas previstas na metodologia de trabalho.

No terceiro momento, o projeto relaciona-se com as organizações não tradicionais indígenas, as quais exercem uma função política na luta pela conquista de sua autonomia. Na literatura antropológica, o assunto ainda não ganhou o merecido status acadêmico. No entanto, é necessário considerar as publicações dos povos indígenas no Brasil do CEDI, o Forantim do CIMI, os boletins das organizações indígenas, o noticiário da grande imprensa e a vasta documentação da Coordenadora de Las Organizaciones Indigenas de La Cuenca Amazónica (COICA). Nesta Coordenação o Brasil e particularmente a Amazônia tem um representante para assuntos de Direitos Humanos. Este representante indígena é de origem da Região do Alto Rio Negro.

Embora os estudos sobre as organizações indígenas sejam ainda dispersos, Carlos A. Ricardo reconhece que:

"Está em curso em algumas regiões do Brasil, sobretudo após a promulgação da nova Constituição Federal em 1988, a formalização de organizações indígenas, com diretorias eleitas em assembleias, estatutos registrados em cartório e contas bancárias próprias" (Ricardo, 1991: 69).

No Alto Rio Negro há aproximadamente vinte organizações indígenas, devidamente instituídas, com suas representações legais ou em vias de reconhecimento.

Finalmente, procurei sustentar o projeto relacionando com outras fontes bibliográficas de apoio. Deste modo, busquei conhecer a atuação dos Missionários Salesianos no Mato Grosso entre os Xavantes e Bororo, bem como analisar as práticas pedagógicas de outras instituições em áreas indígenas.

Nesta procura de novas fontes conheci a obra de Sylvania Caiuby Novaes sobre os Bororo, onde dedica três capítulos para análise da atividade missionária. A Autora discute em sua obra três categorias de análise: identidade, auto-imagem e noção de pessoa. O jogo destas imagens encontra-se no espelho das significações (Ibid., 1983).

Sobre a atuação dos Salesianos entre os Xavantes busquei informações na dissertação de Cláudia Menezes, podendo auxiliar-me diretamente na compreensão dos internatos. O objetivo de sua dissertação é analisar as transformações econômicas e sociais de um segmento da sociedade Xavante, impostas pela integração forçada do grupo a um novo modo de produção, movimento realizado via Igreja Católica (Menezes, 1984).

Na área de educação escolar indígena deparei-me com a leitura da dissertação de Mariana Kawall Leal Ferreira, despertando-me para o processo da conquista da escrita e sua autonomia. Nas considerações finais do trabalho, a autora afirma que:

"A escrita, nascida do contato com o colonizador e usada pelas agências de contato governamentais e missionárias como forma de exercerem seu poder sobre os novos indígenas, é usada hoje por estes mesmos povos como instrumento fundamental para a conquista de sua autonomia frente à sociedade não índia"
(Leal Ferreira, 1992: 105).

Esta preocupação é relevante no projeto de trabalho. No entanto, torna-se necessário ampliá-la para melhor compreender as transformações ocorridas no universo das culturas e, principalmente, conhecer o domínio deste saber como instrumento na busca de sua autonomia.

Em outro estudo conheci alguns aspectos de Educação tradicional dos Galibi e Karipúna, dissertados por Eneida Corrêa de Assis. No texto, a autora destaca o conteúdo lúdico na Educação Tradicional dos índios e a autonomia no seu aprendizado (Corrêa de Assis: 1981).

Ainda mais, é importante relevar no processo de análise, a articulação das Organizações Indígenas, no contexto

de luta pela redemocratização da sociedade nacional. Neste momento, depara-se com uma outra face da Igreja, atuando favoravelmente em defesa da autonomia e do reconhecimento da alteridade étnica dos indígenas. Da mesma maneira, que surgem também as Agências de mediação não governamentais, em sustentação às reivindicações indígenas.

Espero, portanto ter relatado com clareza o vínculo do projeto com a literatura antropológica da área em estudo. Podendo, assim, dizer que o trabalho a ser desenvolvido difere substancialmente dos demais apresentados. No entanto, é minha pretensão inserir a pesquisa no conjunto da literatura antropológica, possibilitando a todos uma complementação necessária.

A HIPÓTESE DE TRABALHO

A articulação do projeto em questão com a literatura antropológica é orientada pelos postulados que fundamentam a pesquisa e, ao mesmo tempo, diferencia das demais construções do conhecimento.

A hipótese, neste contexto, qualifica o problema em foco. Busca construir uma ruptura com a forma de conhecer pré-estabelecida do senso comum numa perspectiva teórica-metodológica, que possibilite compreender o fenômeno de modo relacional.

Suponho que as lideranças indígenas à frente da política das organizações do Alto Rio Negro foram Escolarizadas no regime das Missões Salesianas. A atuação política destes ex-alunos contraria às expectativas do projeto missionário, que se caracterizam pelo processo civilizador que "começa pelo corpo para atingir a alma" (Brüzzi: 1979).

Noutras palavras, o regime salesiano, contrariando os seus interesses, contribuiu para a formação de lideranças indígenas capazes de pensar criticamente e criar formas de participação nas instâncias políticas regional e nacional enquanto povos diferenciados.

Estes índios, segundo as formalidades legais da política indigenista brasileira, são considerados integrados. Entretanto, exigem do Estado um reconhecimento de sua especificidade Étnica, lutando pelos seus direitos à alteridade.

A integração, na realidade, não deve ser compreendida como o "abrasileiramento" do índio, em oposição a sua identidade coletiva. Ao contrário, afirma Durham:

"Nesse processo, os embates que se travam no campo puramente ideológico são muito importantes, porque é nesse espaço que se contrói a identidade coletiva, fundamento necessário para a constituição de um ator político. Nesse plano, os elementos simbólicos assumem uma relevância específica" (Durham, 1983: 17).

Assim sendo, a investigação do problema dar-se-á de acordo com os objetivos anteriormente expostos, formulando as seguintes questões:

a) O processo de escolarização dos indígenas do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, viabilizado pelos internatos religiosos. Como se caracterizou o Projeto político-pedagógico na década de sessenta e quais os conteúdos curriculares ?

b) A disciplina e o controle dos internos. Quais os mecanismos utilizados e de que modo o projeto arquitetônico dos internatos contribuiu para a execução destas ações ?

c) Desativação dos internatos. Quais as razões que possibilitaram a desativação dos internatos de São Gabriel da Cachoeira, de Iauarete e do Rio Içana ? Quais as consequências destes atos? De que modo as lideranças indígenas utilizam-se deste conhecimento na aquisição da autonomia de suas organizações?

d) Avaliar o processo de escolarização dos internatos com os próprios líderes indígenas. Quais os resultados concretos deste processo de Escolarização? O que aprenderam de fato? Era possível resistir às formas de dominação? Quais as relações estabelecidas entre a escolarização e a própria participação nas lutas pela conquista da autonomia de suas organizações?

e) Conhecer outras experiências vivenciadas fora dos internatos. Quais as experiências educacionais e de escolarização vivenciadas pelos ex-alunos e como avaliam comparativamente em relação às dos internatos?

f) Caracterizar a autonomia indígena através das ações empreendidas pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN). Quais as motivações e como foi possível a sua viabilidade? Como têm se articulado no conjunto da sociedade para garantir os seus direitos fundamentais? Como o poder é exercido entre os pares? Como tem contribuído para as mudanças na política indigenista brasileira?

g) Como a integração é compreendida e quais as estratégias utilizadas pelos próprios índios no processo de seu reconhecimento?

h) Quais os fatores que possibilitaram a atuação crítica e libertária dos índios? Como se deu este processo? Quais as perspectivas?

Desta feita, a hipótese será verificada no sentido de avaliar o significado da pesquisa e sua possível contribuição para o problema a ser investigado.

A METODOLOGIA


A lógica da pesquisa é caracterizada por uma sistematização fundamentada nos princípios de um quadro de referência capaz de favorecer a ação do pesquisador na investigação do problema. Os princípios, não sendo absolutos, sustentam a reflexão sobre a realidade estudada em relação à prática do pesquisador.

A Metodologia, deste modo, é considerada um conjunto de técnicas, as quais são aplicadas, nas etapas de investigação da pesquisa. Todas estas ações são orientadas por uma reflexão teórica para se alcançar a consecução dos objetivos do projeto.

Fase de Execução

1^o. Exaustivo levantamento documental e bibliográfico sobre a atuação missionária dos salesianos no Alto Rio Negro:

- Museu Etnológico dos Salesianos no Colégio Domingos Sávio em Manaus.
- Biblioteca Pública do Amazonas.
- Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.
- Museu Amazônico da Universidade do Amazonas.

- 
- Biblioteca da Associação Comercial do Amazonas.
- Biblioteca do Centro de Estudos do Comportamento Humano.
- Biblioteca do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- Arquivo Público do Amazonas
- Centro de Documentação - FUNAI
- Bibliotecas particulares.
- Museu Paraense Emilio Goeldi em Belém.
- Museu do Índio, no Rio de Janeiro.
- Biblioteca da Diocese de São Gabriel da Cachoeira.

2o. Coletar o máximo de informações e notícias sobre a atuação das organizações indígenas do Alto Rio Negro:

- Arquivo CIMI - Regional e Nacional.
- Arquivo CEDI - São Paulo.
- Arquivo COIAB - Manaus.
- Arquivo FOIRN - São Gabriel da Cachoeira

3o. Estudo de Campo:

- Realizar estudo de caso sobre o empreendimento missionário na região.
- Observar a estrutura arquitetônica do empreendimento missionário.
- Consultar fontes primárias locais.

Procedimentos Técnicos

Depoimentos gravados com ex-alunos, religiosos e lideranças indígenas: história de vida, os depoimentos pessoais e entrevistas.

- a ficha do informante: cada depoimento é acompanhado de uma ficha de informante com dados pessoais;
- caderno de campo: anotações, registro, observações e reflexões.
- análise do material bibliográfico e documental.
- recuperar os depoimentos das fitas.
- encontro com o orientador e discussão do material coletado.
- elaborar os relatórios e/ ou capítulos.

São estes, portanto, os procedimentos que pretendo adotar na investigação do problema, respeitando as fases de execução do desenvolvimento do trabalho, na realização dos objetivos propostos.

O QUADRO DE REFERENCIA

O referencial teórico-metodológico da pesquisa é identificado nas ações do projeto, formulado em sua introdução, nos objetivos, na construção do problema, na crítica bibliográfica, na hipótese de trabalho e na metodologia, quando os seus postulados orientam as etapas e o conjunto de técnica eleito pelo pesquisador na investigação do problema.

Destacado a sua importância, esclareço não se tratar de algo pré-concebido ou, muito menos, estático. O quadro de referência é, na verdade, a unidade de significação da pesquisa.

Com efeito, esta unidade conjuga em suas representações um sistema de relações de conceitos, noções e categorias capazes de, conforme Bourdieu, "(...) apreender a singularidade de uma forma que só existe num contexto particular" (Bourdieu, 159).

Neste processo, a capacidade de apreender uma determinada singularidade abstraída da realidade é o que se chama de compreensão. Assim sendo, recorri a uma análise histórica, com o propósito de conhecer o contexto das ações missionárias implementadas no Alto Rio Negro pelos Salesianos.

Além disto, pretendo ampliar está análise histórica para compreender a dimensão do Projeto Missionário e sua

articulação com as estruturas de poder. Entretanto, no primeiro momento, a tensão entre o sistema de representação das culturas indígenas e a lógica da dominação missionária concretizada através de um processo civilizatório é perceptível ao observador atento.

Assim, a análise histórica auxilia a investigação antropológica. Neste caso, o exame dos depoimentos dos ex-alunos internos passam a ter um valor documental, significativo no processo de investigação do problema. A saber:

" Aos oito anos entrei no colégio Salesiano, em Pari-Cachoeira, sem falar o português. Eu não sabia que era índio, não sabia que era das últimas das tribos, não sabia que era discriminado, não sabia que precisava trabalhar muito para comer. Pois, quando índio pesca reparte tudo, não sabia que as pessoas são desiguais, que existem ricos e pobres. No Internato, construído pelos índios, rezava antes e depois de tudo, mais ou menos umas cem vezes. A comida era uma sopa sem gosto e eu era acostumada com peixe, beiju, mingau e chibé. Todo mundo tomava remédio, quem precisava e quem não precisava" (Apud. Weigel & Ramos).

No depoimento exposto, recolhido em área e, não identificado, por atender exigência do próprio ator, registra-se um conjunto de propriedades que caracterizam o cotidiano dos Internatos. Apreende-se, que as crianças indígenas eram aceitas nos Internatos a partir dos oito anos de idade. Falar o português era uma obrigatoriedade. O trabalho era imposto como disciplina de conduta da civilização. Rezar era um ato repetitivo,

impossibilitando a comunicação e formas de pensar diferenciadas. O tipo de alimentação contrariava os hábitos e costumes e toda medida era coletivamente aplicada de modo impessoal.

O internato, neste contexto, é compreendido como uma instituição total. Um dos principais analistas desta situação é o autor Erving Goffman, que apresenta uma definição descritiva do fenômeno:

"Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada" (Goffman, 1987: 11).

Há em sua obra uma tipologia da instituição, qualificada pela função exercida no conjunto da sociedade. Goffman analisa, especificamente, a vida do internado nos hospitais psiquiátricos. Contudo, a extensão de sua análise permite compreender situação social decorrente das instituições da mesma natureza.

"(...) Generalizar tais descobertas para qualquer situação social em que o Ego esteja passível de ameaça (...). Efetivamente, toda a obra de Goffman refere-se a situações sociais que ameaçam o Ego para defender-se das mesmas" (Guilhon Albuquerque, 1977: 85).

A princípio, os Internatos Religiosos dos Salesianos no Alto Rio Negro é uma unidade empírica caracterizada

pelas suas propriedades e determinada teoricamente pelo conceito de instituição total. No entanto, faz-se necessário estabelecer diferença no contexto de análise para reconhecer a singularidade do problema em estudo. Estas diferenças podem ser evidenciadas na formação histórica da região, na qualificação da função exercida no interior da sociedade e no cumprimento das ações políticas desenvolvidas pela instituição.

Em suma, a situação social apresentada nos internatos não se reduz somente a ameaçar o Ego, mas compreende a uma política etnocida:

" O etnocídio é, portanto, a destruição sistemática de modos de vida e de pensamento de pessoas diferentes daquelas que conduzem empresa de destruição"
(Clastres, 1982: 53-4).

A Escolarização era o meio privilegiado para realizar esta política etnocida. Entretanto, contrariando estas ações, os indígenas ex-alunos dos internatos, encontram-se participando das lutas políticas para a garantia de seus direitos fundamentais. Analisar estas estratégias de integração e compreender a sua autonomia a partir das organizações indígenas é, portanto, um dos objetivos da pesquisa.

Para isto, delimito um espaço de tempo - a década de sessenta - no sentido de apreender a dinâmica de funcionamento dos internatos na estrutura missionária.

Pretendo também, analisar a atuação das lideranças, ex-alunos, no curso das organizações indígenas não-tradicionais nas três últimas décadas passadas.

Neste campo, compreendo o quadro de referência como uma pro-vocação à realidade em estudo. Sustento esta afirmativa, amparado nos ensinamentos de Mauss, quando me convence, que "a teoria terá verdadeiro papel de incitar à investigação com um objetivo de verificação. (...) a teoria tem um valor "heurístico", um valor de descoberta" (Mauss, 1972: 10).

Acredito, portanto, ter apresentado a unidade significativa do projeto de pesquisa, contextualizando teoricamente o problema, assim como a viabilidade de seus objetivos pela mediação metodológica desenvolvida nas etapas de sua consecução.

BIBLIOGRAFIA

BASBAUM, Leôncio. História sincera da república. V.2. São Paulo: alfa-omega, 1976.

BORDIEU, Pierre. Pierre Bordieu (Sociologia). Renato Ortiz (org), São Paulo: Atica, 1983.

BRUZI, Alcionilio Alves da Silva. A civilização indígena do Uapés: observações antropológicas, etnográficas e sociológicas. Roma: LAS, 1977.

----- As tribos do Uapés e a civilização brasileira: método civilizador salesiano: o índio tem direito de ser índio ou de ser civilizado? Belém: Serviço de Impressão Universitária, 1979.

BUCHILLET, Dominique. Pari-Cachoeira: o laboratório Tukano do Projeto Calha Norte. In. Povos indígenas no Brasil. 1987/88/89/90. São Paulo: CEDI, 1991.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Jogo de espelhos: imagem da representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1973.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência: ensaio de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORREA DE ASSIS, Eneida. Escola indígena, uma "frente ideológica"? Dissertação de Mestrado. Brasília: (Mimeo.), 1981.

DURHAM, Eunice Ribeiro. O lugar do índio. In. O índio e a cidadania. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ENGRACIA DE OLIVEIRA, Adélia. Depoimentos Baniwa sobre as relações entre índios e "civilizados" no Rio Negro. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, N.º 72. Belém: MPEG, 1979.

FERREIRA REIS, Arthur Cezar. A conquista espiritual da Amazônia. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.

GALVAO, Eduardo. **Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil.** Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, 1979.

GUILHON ALBUQUERQUE, J.A. **Instituição e poder: a análise concreta das relações de poder nas instituições.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2a ed. 1986.

HOORNAERT, Eduardo. In. **História da Igreja no Brasil.** Tomo II/1. Petrópolis: Vozes, 1988.

HUGH-JONES, Christine. **From the milk river: spatial and temporal processes in northwest Amazonia.** New York: Cambridge University Press, 1979.

LEAL FERREIRA, Mariana Kawall. **Da origem dos homens à conquista da escrita: estudo sobre povos indígenas e educação escolar no Brasil.** (Dissertação de mestrado), São Paulo: USP, 1992.

MASSA, Pedro (Dom). **De tupã a Cristo.** Rio de Janeiro: Escolas Salesianas, 1965.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia.** Lisboa: Editorial Pórtico, 1972.

NIMUENDAJU, Curt. **Textos indigenistas: relatório, monografias, cartas.** Paulo Suess (coord). São Paulo: ed. Loyola, 1982.

----- Carta, 1927. Museu do Estado de Pernambuco.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, Berta G. Introdução. In. **Umúsum Panlõn Kumu & Tolomã Kenhiri. Antes o mundo não existia.** São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980.

----- Os índios das águas pretas: uma área cultural no noroeste do Amazonas. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1980.

RICARDO, Carlos A. **Quem fala em nome dos índios.** In. **Povos indígenas no Brasil, 1987/88/89/90,** São Paulo: CEDI, 1991.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. **Amazonian cosmos: the sexual and religious symbolism of the Tukano indians.** Chicago: The University of Chicago Press, 1968.

RENAULT-LESCURE, Odile. **La tentation monolingue: exemple d'acculturation linguistique chez des indiens multilingues d'Amazonie brésilienne.** In. Cah. Sci. Hum., 1981.

WEIGEL, Valéria. RAMOS, Ademir. **O processo educativo dos internatos para os índios do Alto Rio Negro.** In. Bulletin of the international comitee on urgent antropological and ethnological reserach, No 32-33, 1991.